

DESIGUALDADES SOCIODEMOGRÁFICAS EM INSEGURANÇA ALIMENTAR E PREOCUPAÇÕES ACERCA DA DISSEMINAÇÃO VIRAL DE COVID-19 ENTRE MÃES

MATHEUS AUGUSTO SCHULZ¹; THAIS MARTINS DA SILVA²; MARINA XAVIER CARPENA³; CHRISTIAN LORET DE MOLA ZANATTI⁴

¹Acadêmico de Medicina da Universidade Federal de Pelotas – matheus.a.schulz@gmail.com

²Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da Universidade Federal de Pelotas – thaismartins88@hotmail.com

³Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da Universidade Federal de Pelotas – marinacarpensa_@hotmail.com

⁴Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da Universidade Federal do Rio Grande – chlmz@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

Emergente na China em dezembro de 2019, o novo coronavírus (SARS-CoV-2) é responsável por uma grave crise sanitária global, decretada pandemia pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020 (AQUINO et al, 2020). Eventos estressores, como pandemia e desastres naturais, geram medo, que eleva os níveis de estresse e ansiedade na população saudável, além de prejudicar transtornos psiquiátricos preexistentes (SHIGEMURA et al, 2020).

Estima-se que a fração populacional cuja saúde mental é atingida em uma epidemia supera o número de indivíduos que adquirem a infecção (REARDON, 2015). Além das mulheres comumente apresentarem maiores sintomatologias de saúde mental (ARAUJO et al, 2005), um estudo transversal brasileiro realizado via web entre adultos e idosos destacou uma maior influência da quarentena na saúde mental das mulheres em relação aos homens, sugerindo relação com a intensificação das rotinas diárias das mulheres, incluindo o cuidado com os filhos (BARROS et al, 2020). A saúde mental materna é de grande relevância em termos de saúde pública, uma vez que está diretamente relacionada ao fato de afetar os cuidados básicos com a criança, bem como em outros comportamentos que podem afetar a saúde mental transgeracional (SCHIAVO et al, 2020).

O objetivo do presente estudo consiste em avaliar a insegurança alimentar e as preocupações acerca da disseminação viral intrafamiliar, bem como as desigualdades sociodemográficas entre mãe pertencentes à Coorte de Nascimentos de Rio Grande durante a pandemia do Covid-19.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo longitudinal, conduzido com mães de nascidos vivos no ano de 2019 na cidade de Rio Grande, na região sul do estado do Rio Grande do Sul, que possui população estimada em 2020 pelo IBGE de 211.965 habitantes (IBGE, 2017). Entre 1º de janeiro e 31 de dezembro de 2019, foram identificados todos os partos hospitalares do município e convidadas a participar mães residentes na zona rural ou urbana do município (99,5% do total de partos ocorridos no Rio Grande). Mães de seus recém-nascidos com peso ≥ 500 gramas ou pelo menos 20 semanas de idade gestacional foram incluídos no estudo. No total, participaram 2.314 diádes mãe-filho. Após o parto, as mães responderam a um questionário padronizado aplicado por entrevistadores treinados, o que caracterizou o acompanhamento perinatal.

Em 2020, de 11 de maio a 20 de julho, período em que o mundo já vivia a pandemia de Covid-19, foi realizado um segundo acompanhamento, o WebCovid-19. Para este, foram consideradas elegíveis todas as mães incluídas no acompanhamento perinatal que deram à luz filhos nascidos vivos de parto único que viviam na área urbana da cidade no início do estudo, resultando em 2.052 mães. Buscou-se contatar todas as mães elegíveis por meio de ligações telefônicas ou através das redes sociais. As mães localizadas foram convidadas a responder a um questionário on-line por meio de um *link* eletrônico fornecido a elas. Usamos o REDCap para construir, desenvolver e gerenciar nossa pesquisa online e bancos de dados (HARRIS et al., 2009). Os questionários foram considerados completos, parcialmente preenchidos e incompletos de acordo com a Associação Americana para Pesquisa de Opinião Pública publicada na versão revisada de 2016.

Como desfecho, foram considerados insegurança alimentar, avaliada por meio da seguinte questão: “*Tenho me preocupado em não ter comida suficiente, leite ou outros itens essenciais?*” com opções de respostas “sim” e “não”, e as preocupações acerca da disseminação viral intrafamiliar através das seguintes questões: “*Tenho me preocupado que o bebê pegue coronavírus ou fique doente?*” com opções de resposta “sim” e “não” e “*Tenho me preocupado de eu passar coronavírus para o meu bebê?*” com opções de resposta “sim” e “não”. Os desfechos foram coletadas durante o acompanhamento Webcovid-19.

Além disso, a desigualdade sociodemográfica foi avaliada por meio das seguintes variáveis: idade materna (<20 anos, 20-24 anos, 25-34 anos, 35 anos ou mais); cor da pele autorreferida (branca, preta, parda); escolaridade materna categorizada em ter nenhum ou qualquer número de anos de ensino fundamental, ter pelo menos um ano de ensino médio ou ter pelo menos um ano de estudos universitários ou qualquer grau superior; renda mensal em reais categorizada em tercis; o número de moradores da casa (até 3 pessoas, 4 pessoas, 5 ou mais pessoas); e se vive com um companheiro), coletadas durante o acompanhamento perinatal.

Na análise dos dados, a prevalência em relação a insegurança alimentar e as preocupações acerca da disseminação viral intrafamiliar foram descritas de acordo com as características sociodemográficas e a diferença foi testada por através do teste qui-quadrado de Pearson, por meio do programa STATA 14.0.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra do estudo foi composta de 1,110 mães, com 45,4% das mães entre 25-34 anos, 81,1% com cor da pele branca, 87,0% viviam com companheiro, 48,6% com ensino médio completo, 41% pertencente ao tercil de renda mais rico e 66,6% relataram viver com até 3 pessoas no mesmo domicílio.

Neste estudo, 42,7% das mães apresentaram insegurança alimentar, caracterizada pela preocupação em não ter comida suficiente, leite ou outros itens essenciais. Não houve diferença significativa entre as faixas etárias ($p=0,094$), todavia, as mães mais jovens apresentaram maior prevalência de insegurança alimentar (47,8%). Em relação as categorias da cor da pele, a prevalência de insegurança alimentar foi maior entre mães de cor da pele parda ou preta, no entanto não houve diferença significativa entre as categorias. Os resultados indicam que a população geral vive um momento inseguro, podendo haver repercussões atuais e futuras na saúde da população de maneira geral. Entre as mães que não vivem com o companheiro, os dados mostram uma maior prevalência de insegurança alimentar (55,9%), enquanto entre as mães que vivem com o companheiro apenas 40,8% apresentaram insegurança alimentar ($p=0,001$).

Quanto à escolaridade, a insegurança alimentar esteve presente em 28,7% das mães com ensino superior, ao passo que entre as mães com ensino fundamental a insegurança alimentar alcançou 55,2% ($p<0,001$). Sendo a alimentação trivial para uma saúde adequada, este dado vem a confirmar as iniquidades em saúde presentes no Brasil (VICTORA, 2016). Ademais, a insegurança alimentar esteve presente em 59,9% das mães no quartil de renda mais baixo, enquanto apenas 27,2% das mães do quartil de renda mais elevado referiram insegurança alimentar ($p<0,001$). A literatura mostra um impacto maior da pandemia na população mais pobre, agravando-se desigualdades (AHMED et al, 2020), corroborando os nossos achados. Por fim, residir com até 3 pessoas está associado à menor insegurança alimentar, enquanto as mães que residem com 4 ou mais pessoas estiveram mais preocupadas ($p=0,003$). Neste contexto, destaca-se a importância de intervenções estatais focalizadas, como o Programa Bolsa Família, associadas a ações estruturantes, principalmente na área da Educação (SPERANDIO et al, 2015).

Em relação às preocupações acerca da disseminação viral intrafamiliar, 93,6% das mães relataram estar preocupadas que o bebê pegue coronavírus ou fique doente e, 84,1% acerca da própria mãe passar coronavírus ao bebê. Não foram encontradas diferenças significativas entre as variáveis de exposição, sugerindo-se uma preocupação geral em relação ao medo do bebê contrair o novo coronavírus, independente de questões socioeconômicas. Uma revisão integrativa mostrou que mães de primeira viagem expressam mais sentimentos aos sinais e sintomas de doença, referindo preocupações por não entender as queixas do bebê (CAETANO et al, 2018), fato este que pode ser agravado durante o distanciamento social (BROOKS et al, 2020).

4. CONCLUSÕES

Este estudo mostrou desigualdades sociodemográficas em relação à insegurança alimentar no contexto de pandemia. No entanto, apesar de altas prevalências de preocupações maternas acerca da disseminação viral intrafamiliar terem sido demonstradas, não houve diferenças entre as características sociodemográficas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, EML. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. v. 25, suppl 1 [Acessado 30 Setembro 2020], pp. 2423-2446.

SHIGEMURA, J; URSAÑO, RJ; MORGANSTEIN, JC; KUROSAWA, M; BENEDEK, DM. Public responses to the novel 2019 coronavirus (2019-nCoV) in Japan: mental health consequences and target populations. **Psychiatry Clin Neurosciences**, 2020.

NATURE. **Ebola's mental-health wounds linger in Africa**. Nature International Weekly Journal of Science, 03 mar. 2015. Acessado em 21 set. 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/news/ebola-s-mental-health-wounds-linger-in-africa-1.17033>

ARAUJO, TM; PINHO, PS; ALMEIDA, MMG. Prevalência de transtornos mentais comuns em mulheres e sua relação com as características sociodemográficas e o

trabalho doméstico. **Rev. Bras. Saude Mater. Infant.**, Recife , v. 5, n. 3, p. 337-348, Sept. 2005 .

BARROS, MBA et al. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília , v. 29, n. 4, e2020427, 2020.

SCHIAVO, RA; PEROSA, GB. Child Development, Maternal Depression and Associated Factors: A Longitudinal Study. **Paidéia** (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto , v. 30, e3012, 2020 .

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Censo Demográfico - resultados preliminares: Rio Grande, 2017(8º Recenseamento Geral do Brasil v4.4 .10). Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/rio-grande>>. Acesso em: 29 de Setembro de 2020.

AHMED, F; AHMED, N; PISSARIDES, C; STIGLITZ, J. Why inequality could spread COVID-19. **The Lancet**, 1 May 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanpub/article/PIIS2468-2667\(20\)30085-2/fulltext#seccestitle10](https://www.thelancet.com/journals/lanpub/article/PIIS2468-2667(20)30085-2/fulltext#seccestitle10). Acesso em 01 oct 2020.

SPERANDIO, N; PRIORE, SE. Prevalência de insegurança alimentar domiciliar e fatores associados em famílias com pré-escolares, beneficiárias do Programa Bolsa Família em Viçosa, Minas Gerais, Brasil. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília , v. 24, n. 4, p. 739-748, dez. 2015.

CAETANO, ABJR; MENDES, IMMMD; REBELO, ZASA. Maternal concerns in the postpartum period: an integrative review. **Rev. Enf. Ref.**, Coimbra , v. serIV, n. 17, p. 149-159, jun. 2018 .

BROOKS, SK; WEBSTER, RK; SMITH, LE; WOODLAND, L; WESSELY, S; GREENBERG, N. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: Rapid review of the evidence. **Lancet**. 2020; 395 (10227): 912-20. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)

VICTORA, CG. Socioeconomic inequalities in Health: Reflections on the academic production from Brazil. **Int J Equity Health**. 2016; 15 (1): 164.